

INVERNADA PAIOL DE TELHA: AS RELAÇÕES COM A TERRA E A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo, Departamento de Planejamento e Administração Escolar, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:
Prof.^a Sônia Maria dos Santos Marques

CURITIBA

2008

*Para Jorge, Aline e Wagner, pela
compreensão, incentivo e amor.
Às amigas Cristina e Lucia, pelo
estímulo e apoio para a realização da
pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

À professora Sônia Maria dos Santos Marques pela compreensão, competência e paciência que dispôs durante a caminhada da realização da pesquisa.

Às professoras do Curso de Especialização em Educação do Campo, Cecília Maria Ghedini e Sonia Fátima Schwendler, pelo carinho, competência, companheirismo e ação. Pelo estímulo antes e durante a especialização.

RESUMO

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, que usa a abordagem de caso como forma de compreender como se organizaram os remanescentes do Quilombo Paiol de Telha, para reivindicar suas terras, foi gerada das práticas, vivências e experiências acumuladas pelos membros dessa comunidade. Foi desenvolvida na Comunidade Socorro e no acampamento situado às margens da PR 459 que liga a cidade Reserva do Iguaçu a Pinhão nos quais se investigou através de depoimento de seis líderes (três de cada associação) dos remanescentes. A investigação teve como objetivos identificar o contexto histórico do surgimento desses “novos sujeitos sociais” e formar lideranças, a partir dos processos de reconhecimento da comunidade remanescente em questão. Para atingi-los, fizemos entrevistas semi-estruturadas e anotações do Diário de Campo, procurando compreender a organicidade do grupo. A análise de conteúdo permitiu organizar os dados coletados. Com base na análise das subcategorias, emergiram cinco categorias: formação da associação de moradores, organização e atuação das associações, formação de lideranças, atuação das lideranças e reivindicações dos quilombolas.

Palavras-chave: quilombo, identidade, reivindicações, lideranças.

SUMÁRIO

A COMUNIDADE DE PAIOL DE TELHA.....	6
Definimos como objetivos:.....	7
Objetivos específicos.....	7
QUESTÕES DE MÉTODO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA.....	8
REVISÃO DE LITERATURA.....	12
Educação do campo: novos sujeitos e significados.....	12
Comunidades Remanescentes de quilombos: discussões e significados...	13
A territorialidade quilombola.....	14
Movimentos Sociais e Meio Rural.....	15
ANÁLISE DE CONTEUDO.....	22
Histórico e Formação da Comunidade.....	22
Formação da Associação Heleodoro Paiol de Telha.....	24
Formação da Associação Heleodoro Reintegração Paiol de Telha.....	25
Organização e Atuação dos Remanescentes do Paiol de Telha.....	27
Formação de Liderança.....	28
Reivindicações da Comunidade.....	31
Comunidade Paiol de Telha e Tradição.....	32
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	37
Formulário de entrevista.....	
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	

A COMUNIDADE DE PAIOL DE TELHA

Ao contrário do que se supôs por muito tempo sobreviveram no Brasil várias comunidades negras que hoje recebem a designação de quilombos.

Apesar de não se ter censo populacional, realiza-se estudos em busca de um panorama da distribuição das comunidades quilombolas em cada estado. No caso do Paraná não há informações precisas sobre a população total e a área ocupada por quilombos¹.

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade do Quilombo Paiol de Telha, situado no município de Guarapuava Região Centro-Oeste do Estado do Paraná.

O ano de 2004 foi marcante para a comunidade do Quilombo Paiol de Telha. Após trinta anos de luta, foi reconhecida sua condição de remanescente² de quilombo. A certidão de reconhecimento foi concedida em 20 de novembro de 2003³, pela Fundação Cultural Palmares. A entrega da certidão aos herdeiros do Paiol ocorreu em 28 de setembro de 2005.

A comunidade Paiol de Telha é a primeira a ser reconhecida no Paraná como Comunidade Remanescente de Quilombo.

A ação foi considerada um avanço no sentido do reconhecimento do direito à propriedade da terra.

¹ Segundo levantamento básico das comunidades tradicionais negras, terras de preto e remanescentes de quilombos no Estado do Paraná, hoje há indicativos de muito mais de 80 comunidades, sendo que a cada comunidade visitada surgem informações de novas comunidades configurando um mapa demográfico do nosso Estado diferente daquele apresentado pelas estatísticas oficiais (Grupo de Trabalho Clóvis Moura, 2006,p02).

²Deverão ser levados em consideração alguns critérios preliminares para identificação e caracterização das comunidades negras remanescentes de quilombos existentes no Brasil:1.Essas comunidades, encontradas em todo o território nacional, podem ser caracterizadas na medida que seus habitantes se utilizam de categorias de autodefinição e de auto- atribuição, que funcionam como elemento gerador de identidade a esses grupos sociais, invariavelmente se autodenominam como "pretos" e que se proclamam pertencentes a um território.2.Remanescentes das Comunidades dos Quilombos podem ser identificados, nos territórios utilizados para trabalho e habitação de comunidades afro-brasileiras, cuja comprovação fática de suas ocupações , esteja fundada em apossamento secular das terras aí compreendidas.5. São autodenominadas e referidas enquanto : "Terra de Preto", "Remanescentes de Quilombos", "Comunidades Negras Rurais", "Mocambo", "Quilombo" ou outra análoga que aponte para uma identidade étnica com Preponderância negra. Variação terminológica esta, que permite uma constante atualização de sentido e uma adequação às diferentes formas organizativas atualmente encontradas.(O'DWYER,1995,p106-107)

³ Certidão de auto-reconhecimento, fornecida pela **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei nº. 7.668 de agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º , art. 3º § 4º do Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, que

As terras em questão foram herdadas em 1860. Balbina Francisca Siqueira legou em testamento, para os seus escravos e ex-escravos, as terras do campo denominado Invernada, da fazenda Capão Grande, localizada na Comarca de Guarapuava, Estado do Paraná. Após a doação, os descendentes dos herdeiros foram, aos poucos, expulsos de sua propriedade. Segundo Hartung “um claro processo de expropriação dessas terras teve início imediatamente após a doação, culminando no ano de 1975. Todo este processo foi marcado por negócios escusos e pela violência característica das questões de terra no Brasil”. (HARTUNG, 2004, p.1).

Como é possível perceber, o grupo do Paiol de Telha teve suas terras expropriadas e por variados processos houve o enfraquecimento dos vínculos que ligavam o grupo com a terra onde viviam e haviam vivido seus ancestrais.

Atualmente encontra-se instalada nessas terras a Cooperativa Agrária Ltda. A companhia é dirigida por descendentes de alemães, um dos grupos colonizadores dessa região, centro-oeste do Paraná. Diante dessas condições, as lideranças, os moradores descendentes de escravos, buscam formas para fazer valer seus direitos e garantir a posse da terra.

Sabemos que no processo de busca pela terra a organização da comunidade é fundamental e, nesse caso, há a exigência legal da constituição de uma associação de moradores. Foi nesse contexto que estabelecemos a organização deste trabalho de pesquisa.

Definimos como objetivos:

- Identificar o contexto histórico do surgimento de “novos sujeitos sociais” e a formação de lideranças, a partir do processo de reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo;

Objetivos específicos

- Conhecer a forma de organização dos moradores da Invernada do Paiol de Telha no processo de luta pela terra;
- Compreender a forma como se constituíram lideranças;
- Analisar as relações que as lideranças estabelecem com a comunidade.

Definidos os objetivos, formulamos o seguinte problema da pesquisa:

Como os remanescentes do quilombo da Invernada Paiol de Telha - Paraná, se organizaram e se organizam para reivindicar a posse e titulação de suas terras?

QUESTÕES DE MÉTODO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada com líderes das associações de moradores: Associação Heleodoro Paiol de Telha e Associação Paiol de Telha II. A comunidade da Invernada Paiol de Telha também é conhecida como Fundão, localiza-se em Guarapuava, município situado na Região Centro-Sul do Estado do Paraná. A investigação teve enfoque qualitativo, e usou-se a abordagem de estudo de caso, na composição do trabalho de investigação.

De acordo com DESLANDES (1994, p.21-22) a pesquisa qualitativa

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, consideramos a pesquisa qualitativa pertinente ao processo de investigação porque nos interessaram os desejos, a composição e formas de liderança referentes ao movimento de reconhecimento e titulação de terras na Invernada de Paiol de Telha. É importante que se diga que, a idéia de liderança presente no trabalho, não considera a ação somente no campo político, mas também, a que se inscreve pela tradição, ou seja, pessoas que são conhecidas e reconhecidas na comunidade como possuidoras de um saber sobre as formas de agregação do grupo estudado.

Compreendemos, por meio do estudo de caso, as formas de emergência dos remanescentes de quilombo como “novos sujeitos sociais” e os processos para formação de lideranças empenhadas na luta do reconhecimento de direitos relacionados à terra onde vivem e viveram seus antepassados. Sabemos que o estudo de caso favorece a compreensão de situações particulares, envolvendo sujeitos que guardam profunda relação entre si, compondo situações que podemos classificar de complexas. Para (Lüdke,Menga,1986, p.1).

O estudo de caso ajuda a compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas.

A pesquisa foi desenvolvida com depoimentos de seis líderes das duas associações existentes na comunidade remanescente do Quilombo Invernada Paiol de Telha e pessoas “antigas” que exercem liderança pelo respeito conquistado junto aos moradores da comunidade.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas.

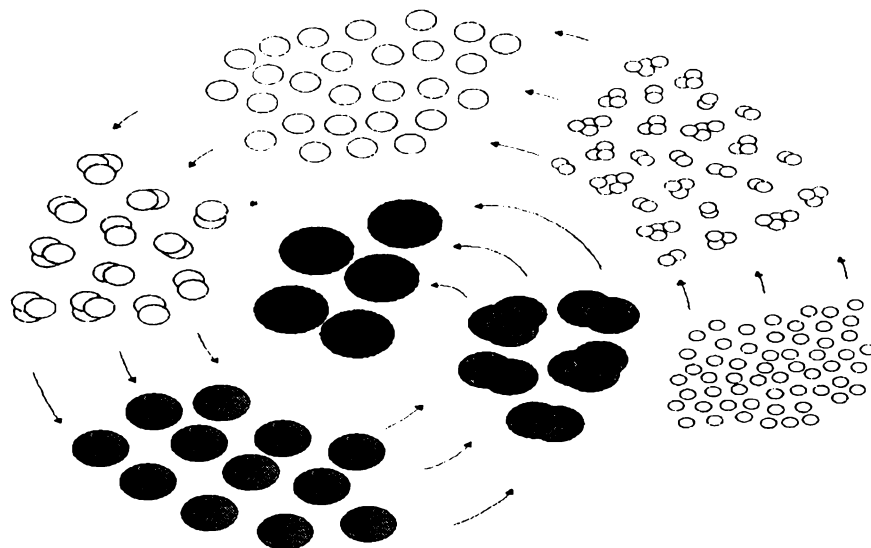
Primeiramente, foram feitas as entrevistas com líderes das associações. Consideramos como liderança, tanto os sujeitos que exercem um cargo político eleito pela comunidade, como os que têm conhecimento ou reconhecimento público pela sua contribuição com o grupo. Nas observações registramos diálogos e ações das lideranças, bem como as relações que estas estabelecem com o grupo.

No processo de observação concordamos com LÜDKE e ANDRÉ (1986, p.48) quando afirmam que “tais observações e comentários pessoais podem oferecer elementos substanciais à elucidação das principais questões investigadas”.

Para o processo de entrevistas semi-estruturadas foi elaborado um roteiro (anexo I) com questões que contemplassem os objetivos e problema de pesquisa

Foram feitas também anotações em Caderno de Campo, com o objetivo de registrar o contexto das entrevistas, primeiras inferências e informações consideradas pertinentes à organização da investigação.

Após as entrevistas gravadas, realizamos a transcrição do material, destacamos as principais idéias, formando unidades de significados. Também foram anotadas, em um caderno de campo, impressões, inferências que começaram a emergir. Esse procedimento aconteceu após cada uma das entrevistas. TRIVIÑOS (1987, p.155) compreende que as anotações de campo “representam ou podem representar as primeiras buscas espontâneas de significados, as primeiras expressões de explicações (...)”. Concluímos as entrevistas, realizamos a releitura da totalidade do material e fizemos novas anotações que o conjunto dos dados coletados nos indicaram. Selecionamos as diferentes unidades de significado, organizamos e nomeamos as subcategorias e categorias. De acordo com, RODRIGUES (2001, p.28), o processo de tratamento dos dados pode ser assim representado:



LEGENDA:

- | | |
|--|--|
| ○ unidades de significado | ● categorias intermediárias |
| ⊕ acoplamento de unidades de significado | ⊕ acoplamento de categorias intermediárias |
| ○ categorias iniciais | ● categorias finais |
| ⊕ acoplamento de categorias iniciais | |

No tratamento dos dados, procuramos identificar, na fala dos entrevistados e no relatório das observações, o processo de formação de lideranças e suas relações com a comunidade em seu processo de luta pela terra.

A análise aconteceu desde o momento da coleta dos primeiros materiais, pois assim pudemos identificar aspectos para serem enfatizados ou que mereceriam novo tratamento. Realizamos análise de conteúdo como forma de tratamento e compreensão dos dados coletados. A análise de conteúdo visa “obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos, de descrição de conteúdos das mensagens (...) que permitam inferir conhecimentos relativos de produção/percepção dessas mesmas mensagens” (BARDIN, 1977, p 31).

Educação do campo: novos sujeitos e significados

A trajetória histórica da Educação do Campo, no Brasil, é recente. Teve início no contexto de demandas geradas pelos movimentos sociais do campo; sua característica é de ter visão de classe. A educação obtida e protagonizada pela classe trabalhadora, em especial a do campo, como afirma CALAZANS (1993, p.17), "(...) as tendências da origem e da organização escolar estão intrinsecamente vinculadas aos fatos de nossa própria formação social e política: país de colonização de trabalho fundado na escravidão e no latifúndio por longo tempo colônia, império, república..."

A educação no Brasil deu-se conforme os interesses e necessidades do próprio modelo de desenvolvimento da sociedade, sempre voltada em favor da classe dominante.

Em função do contexto social que se constituiu no Brasil, a resistência dos povos do campo sempre esteve presente. Assim, a luta pela posse da terra pelo direito de permanecer no campo de trabalhar e viver em comunidade é objetivos presentes em vários movimentos sociais. Às vezes, esse desejo se expressava em lutas que envolviam reivindicações específicas devido a conjuntura política de determinada época. É, portanto, a partir dos anseios da classe trabalhadora do campo, que surgiu a reflexão realizada nos movimentos sociais. A discussão a respeito da Educação do Campo, ganha vulto no contexto brasileiro. Esse debate se desdobra em conquistas de possibilidades para repensar a educação para o homem do campo do nosso país.

A educação do campo é protagonizada por sujeitos que vivem no campo, que levam em conta a luta social da qual fazem parte e que refletem sobre o fazer - camponês.

CALDART (2004, p.3) nos remete a algumas reflexões do que é Educação do Campo:

A Educação do Campo se constitui a partir de uma contradição que é a própria contradição de classe no campo: existe uma incompatibilidade de origem entre a agricultura capitalista e a Educação do Campo exatamente porque a primeira vive da exclusão e morte dos camponeses, que são os sujeitos principais da segunda. Em nosso debate isso tem sido referido como a principal oposição com a educação rural ou para o meio rural, que historicamente tem sido o nome dado às iniciativas do Estado de pensar a educação da população trabalhadora do campo, de modo a escamotear essa contradição e fazê-la de objeto e instrumento executor de políticas e de modelos de agricultura pensados em outros lugares, e para atender a

outros interesses que não os seus enquanto grupo social, enquanto classe, enquanto pessoas.

A Educação do Campo tem como finalidade a busca e construção de uma escola que esteja no campo, mas que também seja do campo: organização de escolas que reconheçam os percursos históricos, a cultura, as causas sociais e humanas dos que vivem no campo. A Educação do Campo visa mostrar aos educandos que a pesquisa é importante para entender o cotidiano camponês.

Consideramos significativo apresentar alguns objetivos da Educação do Campo: compreender a forma como os camponeses interagem com a natureza; entender as atividades desenvolvidas em família (conversas, festas comunitárias, atividades ligadas à produção e reprodução), não apenas ligadas ao trabalho, mas também às questões culturais. Nesse sentido, o sujeito ligado à Educação do Campo preocupa-se com a identidade camponesa o que significa que ele tem como compromisso envolver-se com as causas e reivindicações desse sujeito social específico.

Os educadores e os educandos que vivem, sentem e convivem com essa forma de educação, tornam-se companheiros nas lutas e desenvolvem uma proximidade existencial, pois constroem vínculos relacionados com suas formas de viver, seus saberes e seus prazeres. Essa proximidade e vivências compartilhadas podem converter-se em um processo pedagógico na qual, a história de cada um e as experiências coletivas são historicizadas.

A Educação do Campo foi pensada para ser um lugar concreto de vivências participativas e democráticas de formação de sujeitos e de exercício da conquista dos direitos.⁴ Esse projeto se contrapõe às propostas neoliberais. A Educação do Campo possui intencionalidade, considera que a educação do sujeito acontece desde que nasce e se

⁴ 1. A educação é um processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses.

2. Caráter histórico-antropológico da educação

- A. A educação é um processo histórico em duplo sentido: ontogenético e filogenético;
- B. A educação é um fato existencial: é o processo por meio do qual o homem adquire sua essência;
- C. A educação é um fato social: é o processo pelo qual a sociedade se reproduz a si mesma; nesse processo está contida uma contradição: gera, ao mesmo tempo, a conservação e a transformação do indivíduo e da sociedade;
- D. A educação é um fenômeno cultural;
- E. Na sociedade dividida em classe, a educação não pode consistir na formação uniforme de todos os seus membros;
- F. A educação se desenvolve sobre o fundamento do processo econômico da sociedade;
- G. A educação é uma atividade teleológica: a formação do indivíduo sempre visa um fim;
- H. A educação é uma modalidade de trabalho social;
- I. A educação é um fato de ordem consciente;
- J. A educação é um processo exponencial, multiplica-se por si mesma com sua própria realização;
- K. A educação é por natureza contraditória: implica simultaneamente conservação e criação. (Síntese feita pela Professora Mônica Ribeiro da Silva com base na obra de Álvaro Vieira Pinto: Sete Lições sobre Educação de Adultos).

estende ao longo de sua vida. A escola pensada pela Educação do Campo não separa a lógica da escola com a lógica da vida, se preocupa com uma educação mais significativa e prazerosa para o educando. Essa educação busca satisfazer suas necessidades bio-psico-sociais, e que o prepare para ser um sujeito capaz de pensar estratégias para a emancipação e superação do modo de vida.

Comunidades Remanescentes de quilombos: discussões e significados

Nos últimos vinte anos vimos o crescimento das pesquisas relacionadas à temática. Esse crescimento, em parte se deve a produção de dissertações de Mestrado e Doutorado, concursos de dotação para pesquisa e várias outras formas de disseminações de informações a respeito das comunidades remanescentes de quilombo, suas formas de vida, convivência e sua produção cultural. No momento atual, acredita-se que o conjunto de relações sociais do campo faça parte dos conteúdos tematizados nas escolas. Toda esta problemática instigou-nos a pesquisar sobre o reconhecimento do novo sujeito social do campo, o remanescente de quilombo. Neste caso, a investigação que agora propomos tem como foco o Quilombo Invernado do Paiol de Telha.

Nesse movimento, perícias e laudos antropológicos são necessários, para instruir os processos jurídicos de regulamentação de terras demandadas pelas comunidades rurais negras. Não se pode anular a importância política do termo “quilombo” quando se refere à resistência histórica dos negros contra a escravidão no Brasil. No entanto, muitas das comunidades rurais negras que reivindicam a titulação de suas terras não são provenientes de quilombos no sentido tradicional do termo, mas reconhecidas como situações de ocupação e uso comum da terra ditadas por tradições e costumes e por mobilizações sociais para afirmação étnica e de direitos fundamentais.

A categoria remanescente de quilombos institui um novo sujeito de direito. Essa categoria é classificada por diferentes critérios tais como: fatores político-organizativos, autodefinições coletivas e elementos de identidade.

Conforme CARVALHO (apud Almeida, 1989, p. 178).

“As terras das comunidades remanescentes de quilombo, também recuperadas pela Constituição Federal de 1988, através do Art. 68 do ADCT, devem ser convertidas pela titulação definitiva, em imóveis rurais. Clausulas de inalienabilidade, domínio coletivo e costumes e uso comum dos recursos juntamente com fatores étnicos, têm levantado questões para uma visão tributarista que só vê a terra como mercadoria passível de taxaço, menosprezando dimensões simbólicas. Em suma, uma nova

concepção de cadastramento se impõe, rompendo com a insuficiência das categorias instituídas e levando em consideração as realidades localizadas e a especificidade dos diferentes processos de territorialização”.

Entendemos, portanto que é importante chamar a atenção para a diversidade de significados relacionados à acepção quilombola e que demandam reconhecimento por parte dos órgãos fundiários oficiais.

Não existe um conceito único de quilombo. No período colonial, segundo definição do rei de Portugal, em resposta à consulta do Conselho Ultramarino, assim resumiu: “[...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. FIABANI (2005 p.269). Como é possível perceber, se dizia que o quilombo poderia ser desde um pequeno grupo de cativos fugitivos que assaltavam as fazendas (espécie de grupo nômade de economia predatória), ao Quilombo Palmares, considerado uma miniatura de Estado que, de alguma forma, produzia uma situação de insegurança para a ordem social escravista.

Os quilombos foram duramente combatidos por serem formas de resistência em uma sociedade dividida pela oposição entre trabalhadores escravizados e escravizadores.

O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e nos grupos, e organizações. Atualmente, a discussão sobre o termo quilombo, não trata de grupos isolados ou de uma população rigorosamente igual, ligados a uma mesma forma de constituição. O novo conceito consiste em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência, manutenção e reprodução de seus modos de vida e na consolidação de um território próprio. Dessa forma, constituem um grupo étnico conceitualmente definido pela antropologia como tipo organizacional com pertencimento a um território geograficamente demarcado, com normas de sobrevivência, produção e reprodução econômica, cultural e religiosa entre outras.

A territorialidade quilombola

Para o quilombola o território é um espaço parcialmente materializado devido a relação que ele tem com a terra, e com os outros. Na relação com a terra, predomina o uso comum. A terra é muito importante para que o grupo dê continuidade ao seu modo de vida, pois não é apenas o lugar no qual produzem o

suficiente para a sobrevivência, é também a forma de constituição e manutenção da coletividade quilombola ⁵.

A luta pela terra nos quilombos é uma tentativa de reparar parcialmente a história da exclusão social do negro brasileiro, o qual pertence a comunidades com identidades próprias. GUSMÃO (apud. O'DWYER, 1995, p. 70).

A terra território é a narrativa de um tempo real vivido ao mesmo tempo em que contém em si, um tempo mitificado, capaz de unir o passado, o presente e o futuro. O território é então, espaço de trânsito entre sujeitos iguais que se comunicam entre si e com o "outro", diferente dele, mas que invade seu mundo e ali está.

Muitos conflitos estão relacionados à sociedade-território e, em consequência disso, problemas sociais foram criados no Brasil, devido à formação territorial, com predomínio de exclusão social, condicionando o modo de vida de populações quilombolas.

As considerações apresentadas nos remetem a reflexões sobre a relação sociedade-natureza, vivenciada aqui pelos quilombos, pelas políticas públicas e pelas modalidades de tratamento da natureza.

Identidade e comunidades remanescentes de quilombo

O resgate de uma identidade e a preocupação com a construção de uma memória relacionada à vida dos remanescentes de quilombo permitiu a problematização de lugares sociais e a proposição de políticas públicas com o objetivo de reparar problemas historicamente constituídos. Entretanto, há uma série de outras questões relacionadas à cultura afro-brasileira que continua necessitando reflexão, investigação e conhecimento.

No Brasil, a identidade quilombola é um dos temas mais discutidos pelos estudiosos da antropologia. Este tema traz, em seu bojo, assuntos polêmicos como, por exemplo, a situação social à qual o negro foi submetido em nosso país, tanto durante a escravidão como nas atualizações que percebemos em nossos dias.

A identidade é um elemento em construção, um sentimento de pertence a um grupo. A identidade quilombola é marcada pela diferença, é construída por

⁵ De acordo com Oliveira o processo de territorialização é o momento pelo qual um objeto político-administrativo vem a se transformar em uma coletividade organizada, formulando uma identidade própria instituindo mecanismos de tomada de decisão e de representações, e reestruturação de suas formas culturais(21).www.unb.br acessado em 17/01/2008.

experiências de troca com a família ou a coletividade a que um indivíduo pertence. Conforme SILVA, 1995, p.106.

Essas comunidades encontradas em todo território nacional podem ser caracterizadas na medida em que seus habitantes se utilizam de categorias de autodefinição e ou de autoatribuição, que funcionam como elemento gerador de identidade a esses grupos sociais, invariavelmente auto-denominados como "pretos" e que se proclamam pertencentes a um território... Privilegiam sua convivência regulada por normas consuetudinariamente construídas, onde individualizações ocorrem em plano ideal, sem qualquer tipo de parcelamento do território maior e comum aos moradores como um todo. Locais estes nos quais desenvolvem manifestações religiosas, culturais ou de trabalho, fatores que operam como identidade ao grupo.

Os valores culturais afro-brasileiros como: religião, oralidade e ancestralidade são elementos relevantes na construção de identidade.

A identidade afrodescendente possui diversas formas de expressões as quais fazem parte da afirmação racial através do uso de elementos característicos das populações de origem africana.

A atribuição de uma identidade quilombola a um grupo e a garantia do acesso à terra trouxeram a tona a necessidade de redimensionar o próprio conceito de quilombola. Produziram-se vários estudos que abordavam situações e formas de ocupação das terras por conjuntos negros, o que exigiu a ampliação do termo quilombola. Esses estudos enriqueceram o pensamento científico corrente para se referir a estas formações sociais.

Em parte, foi a produção científica que, auxiliou na luta política em torno das reivindicações das populações negras rurais e urbanas. Essas populações viveram processos de expropriações incessantes o que dificultou o seu ingresso no cenário dos movimentos sociais.

As lutas dos movimentos negros fortaleceram a garantia do direito às terras dos quilombos, auxiliaram esses grupos na criação de novos espaços políticos na sociedade brasileira. Essas conquistas se tornaram possíveis através da materialização de sua história e cultura vinculadas ao território rural ou urbano.

As terras que pertencem aos grupos de etnia negra são alvo de interesse de membros da sociedade dominante⁶. Em geral esses membros são latifundiários ou

⁶ ETNIA: O termo deriva da forma contemporânea, "étnica" um grupo possuidor de algo, ao menos em forma latente.

éthnikos é derivado de *ethos*, e refere-se a povo ou nação. Em sua etimologia mantém o seu significado básico no sentido em que descreve uma comunidade coesa e solidária, composta por pessoas conscientes, com origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero

grileiros que trataram a terra como mercadoria, mantendo uma relação mediada pelo capital.

O termo quilombo foi ressignificado. As pesquisas recentes consideram remanescentes de quilombo grupos que se constituíram a partir de uma grande diversidade que inclui fugas, ocupação de terras livres e isoladas, e heranças como é o caso do Paiol de Ipanha. Nessa categoria, também se incluíram doações, recebimentos de terras como pagamentos de serviços prestados ao Estado, permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras tanto durante a vigência do sistema escravocrata, quanto após sua extinção.

A organização interna de tais comunidades tinha como base e fonte de inspiração as instituições trazidas de África. Os quilombos revelaram uma importante capacidade organizativa de grupo, que, mesmo destruídos inúmeras vezes reapareciam em novos lugares como verdadeiros focos de defesa contra o inimigo. A experiência quilombola demonstrou a existência de uma organização social política com estrutura e poder bem definida, sobretudo em relação a uma base econômica que permitisse a sobrevivência do grupo. Para ALMEIDA (apud O'DWYER, 2002 p.45).

Assim ficou amplamente firmada a expressão oficial ocupações especiais, que incluía entre outras situações as chamadas *terras de preto*, *terras de índio*, tal como definidas e acatadas pelos próprios grupos que estavam classificados em críticas de tensão social.

Com essas afirmações enfatiza-se a proximidade dessas comunidades às coletividades camponesas, no que se refere ao compartilhamento de um território e de uma identidade.

O esforço por reerguer, mesmo que parcialmente, a dívida social que o país acumulou fez com que a Constituição de 1988 e o Ato Democrático de Direito impõe a todos o reconhecimento e, neste sentido foram prestigiadas as culturas

populares e afro-brasileiras, cabendo ao Estado a obrigação de protegê-las e de definir sua cultura⁷.

A promulgação da constituição e a necessidade de regulamentação do artigo 68 do ADCT provocaram discussões no meio acadêmico e técnico que levaram a revisão do conceito clássico de quilombo. Sabe-se que a maioria dos grupos que, hoje efetivamente reivindicam a titulação de suas terras o faz por meio desta categoria. Esses descendentes vivem principalmente no espaço rural brasileiro, mas muitos deles estão incorporados às áreas periurbanas e urbanas do país. Em função dessas diferenciações de localização espacial, essas comunidades estabelecem formas diferenciadas de inserção e de contato com a sociedade.

Esse processo ocorre em um contexto de luta política, principalmente de conquistas e reivindicações do Movimento Negro, da Comissão Nacional de Articulação dos Quilombos e outras entidades negras organizadas desde 1980 em todo o Brasil.

No que diz respeito às ações governamentais, é importante destacar o trabalho do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da Procuradoria Geral da República, que têm como competência cuidar do reconhecimento, da demarcação e da titulação das terras das comunidades quilombolas. Como consta no Decreto 4.883:

DECRETO N º 4.883, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003

Transfere a competência que menciona, referida na Lei n º 10.683, de 28 de maio de 2003, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição;
Considerando que compete ao Poder Executivo dispor sobre o funcionamento da administração pública federal, de conformidade disposto na Emenda Constitucional n º 32, de 11 de setembro de 2001;

DECRETA

Art. 1º Fica transferida do Ministério da Cultura para o Ministério do Desenvolvimento Agrário a competência a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações, estabelecida no inciso VI, alínea "c", do art. 27 da Lei n º 10.683, de 28 de maio de 2003.
Parágrafo único. Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário a expedição dos títulos das terras a que se refere o caput deste artigo.

⁷ Art. 3º, 215, 216 da Constituição Federal e art. 68 dos Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

Art. 2º Compete ao Ministério da Cultura assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA nas ações de regularização fundiária para garantir a preservação da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 20 de novembro de 2003; 182 anos da Independência e 115 o da República.

No Brasil, a existência de comunidades tradicionais negras, terras de preto e comunidades remanescentes de quilombos rurais e urbanas são considerados patrimônio, território e cultural inestimável. É interessante pensar que muitas vezes, essas comunidades são desconhecidas pelo Estado e mantêm tradições que seus antepassados trouxeram da África como: agricultura, medicina, religião, mineração, técnicas de arquitetura e construção, artesanato, dialetos, culinária, relações comunitárias no uso da terra, dentre outras. É no contexto de estruturação das formas de reprodução cultural que as comunidades buscam vigor para visibilizar suas reivindicações. Os remanescentes de quilombo fazem dessa referência ao passado uma luta pelo reconhecimento de seu direito à propriedade das terras que ocupam ou querem ocupar. Nesse decurso, recriam tradições, reinventam-se e instituem novas formas de agregação. Esse movimento criativo não se faz pela negação do passado, mas, por sua presentificação.

Movimentos Sociais e o Meio Rural

Vivemos um tempo repleto de obscuridades. Tempo de uma realidade histórica permeada de problemas, esperanças na construção de uma sociedade democrática e justa, de acreditar que as ações das pessoas poderão trazer transformações, diante dos desafios da sociedade. Nesta perspectiva a reflexão sobre as relações estabelecidas entre os diferentes segmentos sociais situando em evidência os movimentos sociais.

Pesquisas e investigações indicam a importância dos movimentos sociais no sentido da implementação das reivindicações e ações desenvolvidas por estes grupos organizados.

Há que se afirmar como característica da cultura rural: uma cultura não hegemônica, desprezada pelo centro político e econômico do país e inferiorizada, mas que, resiste a estas determinações, condição que se traduz em forte hierarquia social e que se formaliza em rituais e tradições definidas pela conduta e costumes.

De acordo com Fernandes (1996, p.172) o “processo e mudança são elementos importantes da dinâmica dos movimentos sociais (...) de modo que, quando se estabelece uma atividade, ela está sendo praticada há tempos, porque a forma surgiu da práxis, e não de um projeto previamente elaborado.”

Nessa perspectiva a resistência e a tradição andam juntas no processo de conquista da cidadania.

Assim as organizações e movimentos sociais, a partir da década de 80, consolidaram uma forte articulação nacional de apoio às lutas sociais rurais. Pareciam anunciar novas práticas políticas e sociais, mas rapidamente tomaram novos rumos e se institucionalizaram: alguns se partidarizaram; outros mantiveram o ideário restrito a pequenos territórios de atuação, ou até mesmo mantiveram ações inovadoras, como no caso de populações atingidas por barragens e de reassentamentos rurais.

Hoje, um dos desafios da sociedade brasileira é a construção de uma prática que valorize as diferentes vivências, expressões culturais, organizações sociais e reivindicações dos grupos para a construção da sociedade.

Ao compreender a diversidade de organizações sociais é possível entender as reivindicações da sociedade civil, suas formas de ação na luta pela concretização de seus ideais e ou projetos políticos, que buscam intervir na sociedade e promover a igualdade social e para o pleno exercício da cidadania.

Porém, fazemos parte de uma sociedade que promove a concentração de renda, a injustiça, a exclusão social e discriminação. Essa situação leva diversos grupos a se organizarem e reivindicarem melhores condições de vida, educação e trabalho, por meio dos movimentos sociais. A população brasileira vive hoje a democracia, mas ainda é preciso combater as desigualdades sociais nas mais diversas formas como estas se apresentam.

Dessa forma é possível afirmar que os movimentos sociais são inovadores porque fazem dos problemas que vivenciam sua força e fonte de inspiração.

Afirmar que uma luta social produz um movimento sociocultural que é maior do que ela mesma, significa dizer que sua dinâmica encarna, exige e projeta dimensões relacionadas ao modo de vida das pessoas em uma sociedade: mexe com valores, posturas, visão de mundo, tradições, costumes..., enfim, provoca a reflexão da sociedade sobre si mesma. Por isto as ações de seus sujeitos acabam tendo um sentido histórico e uma influência política que extrapola o seu conteúdo específico, os interesses sociais imediatos, e a consciência política que produziu não somente as ações, mas seus próprios sujeitos”. (GENTILI & FRIGOTTO, 2002, p.134).

Isso fez surgir diferentes movimentos sociais, Movimento Indígena, Movimento Negro, Movimento das Mulheres, Movimento dos Trabalhadores Rurais entre outros. Cada movimento tem suas demandas as quais devem ser analisadas considerando a história e trajetória dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade brasileira.

Dou à identidade coletiva uma definição interativa e compartilhada, que vários indivíduos produzem acerca das orientações da ação e campo de oportunidades e de vínculos no qual ela se coloca: interativa e compartilhada, significa construída e negociada através de um processo repetido de ativação das relações que ligam os atores. O processo de construção, manutenção, adaptação de uma identidade coletiva tem sempre dois ângulos: de um lado, a complexidade interna de um ator, a pluralidade de orientações que caracteriza; de outro, a sua relação com o ambiente (outros atores, oportunidades/ vínculos) tal processo é a base para a construção das expectativas e para o cálculo de custos e benefícios da ação. A construção de uma identidade coletiva implica em investimentos contínuos e ocorre como um processo: a identidade pode tanto mais cristalizar-se em formas organizativas, sistemas de regras, relações, quanto mais nos aproximamos das formas mais institucionalizadas do agir social. Na ação coletiva ela tem prevalentemente o caráter de um processo que deve ser continuamente ativado para tornar possível a ação. (MELUCCI, 2001, P.69).

Como é possível perceber, o autor chama atenção ao processo de constituição das identidades, sobre as formas de agregação que estes grupos produzem, da mesma maneira, que alerta sobre os perigos de conceitos cristalizados, que desconsideram as diversidades e a própria fluidez do conceito. O autor chama atenção para essa visão polissêmica, para a constituição e manutenção dos movimentos sociais.

Assim, a constituição e ativação de processos identitários envolvem contextos, sujeitos, poderes que, interligados atuam no processo de fabricação e construção de identidades.

Nesse sentido, o aparecimento dos remanescentes de quilombo como sujeitos sociais gera novas demandas de pesquisa, novos questionamentos sobre suas organizações, novas problematizações para compreender seus processos identitários, suas formas de agregação e constituição de lideranças.

Com o reconhecimento das Comunidades Tradicionais Negras e Remanescentes de Quilombos Rurais e Urbanas são necessárias novas ações, novas proposições de políticas públicas, no sentido de reverter a exclusão que muitos desses grupos se encontravam.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Histórico e Formação da Comunidade

Parte da sociedade paranaense pouco sabe sobre a existência de escravos e quilombos no sul do Brasil. Estudos indicam que como outros municípios do Paraná, Guarapuava, quando foi colonizado, inseriu naquele município, escravos, que faziam parte da bagagem do colonizador. Segundo ABREU e MARCONDES (1991, p.94)

“Nos primeiros tempos, mesmo que a escravidão vermelha fosse permitida e contribuísse fundamentalmente para a formação da sociedade guarapuavana e também porque ocorresse a resistência do índio à escravidão, não se pode deixar de historiar que foi o escravo negro o campeiro experiente, o camarada à disposição para todos os serviços, o companheiro de todas as horas e o fiel guarda-costas do fazendeiro, até nas suas horas de sono.”

Em Guarapuava, no passado, a economia baseava-se na criação de gado, o que resultou na formação de inúmeras fazendas de gado.

É neste contexto que se inscreve a fazenda Capão Grande, da qual advém a atualmente conhecida Invernada Paiol de Telha, deixada como herança a um grupo de escravos e libertos. Os herdeiros não foram respeitados como tal. Conforme HARTUNG (2004, p.49).

A vontade da senhora, entretanto, não foi acatada e já no período imediatamente subsequente ao testamento teve início o processo de expropriação das terras da Invernada, culminando com a expulsão total dos descendentes dos herdeiros em 1975.

Entre ameaças e expulsões os herdeiros desocuparam as terras. A situação levou o grupo a procurar alternativas de sobrevivência. Algumas famílias procuraram ficar agrupadas residindo em bairros periféricos de Guarapuava e outros em comunidades rurais nos municípios vizinhos.

Este desfecho ocasionado pela expropriação levou o grupo a uma aparente inexistência social, como afirma o entrevistado:

Porque você veja bem, a nossa história, agora pouco conhece a história e sempre fizeram de conta que não sabe. Nós conhecemos aqui ,tem pessoas que vem aqui que diz , falam que não sabiam que aqui tinha um quilombo, que aqui tinha negros. E nós nascemos aqui. Então isso é muito triste. Nós vamos provar, nós estamos provando pra eles que nós existe. Que nós existimos aqui a mais de 200 anos. Por que nós nascemos em Guarapuava, ou seja, nossos avós, bisavós, tetravós nasceram aqui em Guarapuava. E como que o povo não sabe da nossa história? Sabe sim é porque o povo é pobre né, não tem dinheiro pra luta contra os poderosos, o pessoal do agro negocio. (entrevistado 2)

A invisibilidade do grupo tornou-se um dos aspectos mais relevantes da identidade social dos descendentes do Quilombo Paiol de Telha. Ficaram à mercê da própria sorte, substituídos por uma população “dita” mais apta ao progresso e ao desenvolvimento desejado.

A ideologia do branqueamento, no interior da qual o imigrante é colocado como modelo (étnico e cultural) de homem que precisa ser importado, em contraposição aos nativos e escravos (negros índios e mestiços). A presença dessa ideologia, na origem da política imigratória, parece ter influenciado decisivamente a representação interna e externa dos imigrantes, bem como o seu relacionamento com os outros grupos (POLI, 1995, p.155).

Um dos depoentes percebe uma lacuna que ficou entre os antepassados e os membros atuais da comunidade, por não saberem da história verdadeira sobre o quilombo.

Então, não passavam para os mais novos. Assim foi se perdendo, quer dizer, eu já me criei noutra região sendo que eu poderia ter me criado ali, nossa seria maravilhoso, então foi se perdendo por causa disso. Por isso oriento os mais jovens pra que eles tenham noção hoje da luta do trabalho que a gente faz. E os mais velhos também. A gente procura passá pra eles, expressa valor de dizer que não é fácil a luta e pra eles dá continuidade nesse trabalho (entrevistado 6).

O processo se iniciou por diferentes motivos. Alguns nasceram já sob o signo dos deslocamentos. Outros o experimentaram a partir de determinado momento ou experiência. Alguns casaram com filho(a) de famílias que não pertenciam ao quilombo e para outros a perda da propriedade, acionou um período de mudanças. Já os entrevistados que vivem em municípios, vizinhos de Guarapuava, pouco se referem aos conflitos e não relataram fatos marcantes de privações. A exclusão social sofrida pela comunidade, que vem se arrastando desde quando foram expulsos de suas terras se estendeu a vários aspectos sociais. Constatamos, nas entrevistas, que um dos fatores agravantes das condições sociais de vários membros é a falta de escolarização, o que contribui para a vulnerabilidade do grupo, como confirma o entrevistado: “A comunidade não tinha voz né, o povo é muito humilde, o povo não sabe lê e escreve. Tudo o que você consegue hoje é através de organização. Se você não tiver organização você não chega em lugar nenhum aí nós tivemos muito apoio da CPT certo? (entrevistado 2). Expostos às diferenças, aparecem as dificuldades de aceitá-las. Surgem os fatos, os sentimentos, os enfrentamentos. Assim tornou-se possível trabalhar em busca do novo comprometidos com a luta pela transformação social da comunidade.

A atuação do grupo, hoje, é voltada à organização por meio de associações.

A luta do Paiol já se arrasta por 40 anos, os primeiros líderes que a gente tem um respeito muito grande por eles que a gente né, que é um espelho pra nós é o seu DOMINGOS GONÇALVES GUIMARÃES, DOMINGOS GONÇALVES DOS SANTOS, OVIDIO, dona ONDINA, tio ZÉ que foi esse povo que a gente vem atrás agora. CLARINHA, LEONI, de repente vou até ser injusta de esquecer alguns nomes: o JUNIS, ZÉ LIPIO, JOÃO CHAMINÉ, foi a 1ª coordenação que teve aqui, eles brigaram muito, lutaram muito. FRANCISCO RIBEIRO, AMADEUS, que saíram carregados doentes a dona ANALIA. Essas pessoas são guerreira, porque eu só sou a voz que esse povo não tinha voz e hoje o povo respeita o quilombo Paiol de Telha, o pessoal respeita e através dessas grandes lideranças das quais eu te falei. (entrevistado 2).

Formação da Associação Heleodoro Paiol de Telha

A expulsão total dos descendentes dos herdeiros ocorreu na década de 70, “o último deles violentamente expulso no ano de 1975” (Hartung, 2004, p. 54). Um dos descendentes que viveram essa experiência enfatiza: “Tava lutando por a terra Invernada Paiol de Telha, porque foi tomada esta terra. Foi tomado de nós em 1976 (entrevistado 4). A partir da daquele ano as terras dos herdeiros da Invernada Paiol de Telha passaram a pertencer à Cooperativa Central Agrária Ltda.

Nos anos de 1994 a 1996, entidades e organizações de movimentos sociais iniciam discussões sobre a perda das terras da comunidade Paiol de Telha. Passaram a apoiar pesquisas e levantamentos de documentos, o enfrentamento de alguns herdeiros, na busca de reconquista das terras. Dentre esses herdeiros alguns permaneciam nos arredores da fazenda Paiol de Telha, outros retornaram de cidades vizinhas para a reintegração de parte do grupo. Revigorados por sentirem-se unidos e fazerem parte de uma identidade, formaram a Associação Heleodoro Paiol de Telha, fundada em 1996. A determinação do pertencimento fica explícita na fala do entrevistado.

É para se unir, fazer a união. Assim é mio, né, do que separado, porque daí o serviço vai mais, aumenta. Daí, só uma pessoa não faz nada, né, toca de trabalhar, e sendo tudo combinado, na união, um ajuda o outro. Cá união dá mais resultado que a pessoa desunida. (entrevistada 4).

Os integrantes desta associação acamparam nas margens de uma das fazendas pertencentes à Invernada, e permaneceram naquele local por um ano, até serem assentados como “sem terra” pelo INCRA.⁸ O grupo passou a refletir sobre a

⁸ Parte dos descendentes, aproximadamente 31 famílias, vive atualmente em um assentamento organizado pelo INCRA, no distrito de Entre Rios, Colônia Socorro. São pequenos agricultores que

própria situação e perceberam a importância de terem suas terras recuperadas, analisaram que não eram “sem terra” e sim parte de uma especificidade cultural decorrente da condição de ex-escravos.

Atualmente, os membros da Associação Heleodoro julgam-se mais capacitados para atuar na comunidade. “como a gente tem um pouquinho mais de estudo a gente já pode trabalhar mais com eles, assim, a formação ajudou bastante.” (entrevistado 6)

Pelo que se revela na fala, percebemos a importância que o sujeito atribui à formação escolar para reivindicar direitos da comunidade quilombola. Como bem expressa Freire (1996, p.110): “A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos, bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante quanto no seu desmascaramento.” A sociedade brasileira discute a educação, busca alternativas para transformá-la, em contribuição à formação da cidadania.

Formação da Associação Heleodoro Reintegração Paiol de Telha II

A Associação Heleodoro---Reintegração Paiol de Telha II diverge da Associação Heleodoro Paiol de Telha, no que se refere à forma de reivindicar seus direitos. Alega que é importante mostrar a atual situação dos herdeiros e por esse motivo acampam á beira da estrada. Porém os líderes da outra associação não concordam com tal atitude e afirmam que esse procedimento pode prejudicar o andamento das questões jurídicas do processo da retomada das terras. Outra preocupação da liderança da Associação Heleodoro Paiol de Telha é com os líderes tradicionais, que se encontram acampados, pois estão com idade avançada e com isso podem ter problemas de saúde e más condições de sobrevivência. Ainda que se mantenha as duas associações há um elo unindo os grupos-o Senhor Domingos Santero, líder tradicional reconhecido pela importância de poder agregador para a comunidade.

produzem para a subsistência. A área de 1051hectares era do Banco do Brasil e foi comprada pelo INCRA em 1996.

No início abrigou 64, porem a organização conforme assentamentos de sem-terras dificultou a adaptação de muitos negros acostumados a viver em comunidade.Alem disso, segundo a CPT, apenas 90 hectares são cultiváveis. O engenheiro do INCRA, Omar Guilherme Gauzatilho, admite que na época o instituto errou na forma de organizar o assentamento. Pois não considerou o modo de vida dos afro-descendentes. “Esta foi uma experiência muito importante para nós. Acertamos ao providenciar rapidamente as terras para assentá-los, porem cometemos este erro.” (www.cpt.org.br).

Os remanescentes do Paiol de Telha reconhecem, enquanto liderança local, o senhor Domingos Gonçalves. Neto de ex-escravos ele foi aos poucos conseguindo o respeito de todo o grupo. O senhor Domingos é visto como um exemplo de líder. Sua relação com os demais membros é de solidariedade, responsabilidade social, compreensão e de respeito. Ele trata o grupo como um conjunto de indivíduos em permanente comunhão na conquista de seus anseios.

O senhor Domingos não se sente ameaçado por compartilhar as decisões com os demais remanescentes, é receptivo às novas idéias e iniciativas. Domingos é o primeiro a ouvir o que seus companheiros têm a lhe dizer para dar o exemplo. A sua principal preocupação é que os resultados se destaquem a partir de um grupo unido, comprometido, onde todos dão o melhor de si em mútua colaboração e participação.

No processo de organização da comunidade, um dos herdeiros mais velhos tomou a iniciativa de procurar outros descendentes residentes nos municípios vizinhos de Guarapuava. Em julho de 2004, unidos em grupo de 150 famílias quilombolas ocuparam a Fazenda Antonio Shmit Fundão, parte do Quilombo Paiol de Telha. O grupo permaneceu naquele local apenas 21 dias, pois foram despejados em 15 de setembro de 2004. Alguns descendentes, afirmam que o despejo foi ilegal. No entanto com pouca informação a respeito de seus direitos como herdeiros daquelas terras, como podemos perceber na fala do entrevistado, "No ato que nós chegamos aí era desconhecido nós tinha pouca informação por não ter conhecimento com a autoridade política ou governamental. Então foi difícil, nós até certo ponto e na qual hoje nós estamos meio atualizados" (ENTREVISTADO 1). Além de propor a união da comunidade, o mesmo afro-descendente, sempre esteve liderando na busca de seus direitos e de outros membros, como ele próprio afirma.

Pois aqui quem entrou primeiro aqui para reivindicar os direitos fui eu. O mais diz que foi o Bilardo, mas no barranco eu nunca vi. Eu que tenho posto a cara aí. Já faz onze anos que eu estou lidando. Agora a princípio que entrou o seu Pedro, o Paulinho, o Jorge. Os primeiros era só eu e a Nalha, Ovídio, o Rutilho, o Salatiel, era da liderança o Orlandinho genro meu (entrevistado 3).

Esse grupo buscou novas alternativa de organização para continuarem a conquista tão desejada. Em 05 de março de 2005, foi criada a Associação Heleodoro Reintegração Paiol de Telha II. Atualmente a associação conta com 50 famílias quilombolas inscritas. Todas residindo às margens da BR que liga a Reserva do Iguaçu a Pinhão. A indignação é um elemento constante na vida dessas

famílias, pelo fato de saberem que fazem parte de uma história que comprova que eles são donos de um território e, contudo, são obrigados a ficarem às margens de uma estrada para reivindicar o que deles é de direito. Verificamos essa condição no desabafo dessa fala “Enquanto eles ocupam a terra aí, e tiram cargas de soja aí, nós comemos o pó dos alemão” (ENTREVISTADO 3). Essa situação expressa a necessidade e se tomar atitudes por parte das autoridades competentes em favor desse povo.

Organização e Atuação dos Remanescentes do Paiol de Telha

Verificamos neste estudo que as duas associações existentes do quilombo , possuem a mesma característica de organização e atuação, ou seja : a tomada de decisão em conjunto. Encontramos depoimentos que nos reportam a esse sentido

Através de projetos, se reúne, discute, é isso que nós queremos, sempre une todo mundo e aí sai a decisão, dali de dentro e em ata assina. Todos assumem, se tiver que caí, cai um cai todo mundo. É o grupo, as ações são definidas tudo em grupo e executadas também (entrevistado 2).

Os representantes das associações trabalham de forma integrada, promovem interação entre os líderes e os demais membros da comunidade. As intervenções realizadas pelos liderados são de forma participativa o que neles promove compromisso e respeito mútuo. Verificamos que o diálogo é fonte vital para a realização de projetos feitos pelas associações da comunidade estudada.

As lideranças das associações preocupadas com a preservação da cultura e da história do Quilombo Paiol de Telha, juntamente com a comunidade, preocupam-se em dar aos jovens o exemplo de resistência e luta. O depoimento que segue confirma nosso pensamento:

Procuramos sempre deixar as crianças envolvidas na história. Sempre que tem uma reunião nós procuramos levar eles pra poder estar por dentro da história, pra que não aconteça o que aconteceu no passado. Então todas as reuniões que tem nós procuramos levar eles. As crianças, o jovem, assim para poder ficar por dentro da história, para não acontecer o que aconteceu no passado que muitos dos nossos perderam. Nós perdemos as terras por causa disso , de eles não passavam assim a história para os outros, vamos dizer assim para os mais novos (entrevistado 6).

Outro objetivo das lideranças é preparar os jovens para que possam dar continuidade às reivindicações.

Observamos, nas entrevistas, o incentivo proporcionado pelos adultos para com os jovens e adolescentes, no que diz respeito a história e comprometimento

com a cultura do afro-descendente. Essa afirmação encontra-se explicitada neste depoimento: “A criançadinha está ali, você precisa ver como estão essas crianças, estão ficando pós-graduadas em Paiol de Telha. Estão carregando junto com nós, vocês não tiveram a oportunidade de ver. Mas eles estão carregando junto com a comunidade o peso de ser negro (ENTREVISTADO 2). Percebemos que os jovens estão cheios de expectativas, desejos e começam a reconhecer alguns desafios que deverão enfrentar.

Um desafio criado na comunidade é o de compreender a diversidade de modos de ser jovem, em especial, quando ele ocupa uma condição social diferente dos antigos. É significativo pensar que o jovem:

...é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (Juarez Dayrell, 2002. p 4).

A maneira como os jovens são tratados e vistos pela família e pela comunidade em que estão inseridos, está relacionada com a construção histórica e cultural desse ciclo de vida. E as possibilidades de expressão juvenil estão relacionadas com a forma como se estabelecem as relações sociais no grupo. É nesse aspecto que a organização juvenil torna-se imprescindível, pois somente com uma demanda politicamente organizada dos diferentes segmentos juvenis das comunidades quilombolas farão com que o poder público implemente políticas públicas voltadas para essa juventude específica.

Formação de Liderança

A necessidade levou os quilombolas se formarem em pequenos grupos, assim surgem às principais lideranças, que começam analisar as dificuldades enfrentadas e as reivindicações necessárias para suprir as necessidades da comunidade junto aos órgãos públicos.

Percebe-se, por meio da entrevista, que os líderes foram surgindo para orientar os demais membros da comunidade, e como tarefa principal, tentaram reunir os herdeiros, para se organizar e formar a comunidade. Um dos entrevistados disse: “Eu... fui indicado para ser líder do movimento, aqui, do pessoal do barranco. Com certeza me acharam com capacidade pra ser o líder. Capacidade pela

formação, pelo desempenho e pelo jeito de conversar ou o jeito de discutir com as pessoas” (entrevistado 1). Ser líder de um grupo quilombola é uma grande responsabilidade que envolve sentimentos como, solidariedade, responsabilidade social, elevação da qualidade de vida, cooperação e respeito mútuo.

Os seres humanos, de acordo com as características de sua personalidade e de sua experiência de vida, comporão o seu próprio perfil de liderança. Segundo BONI (2003, p. 9).

Os que ocupam posições de liderança, formal ou informal, não são atores independentes, capazes, por si só, de determinar o curso dos acontecimentos. Fazendo comparação com uma orquestra, a qualidade da música que esta produz dependerá, não apenas do maestro, mas também de cada um dos músicos e de todos os envolvidos, numa relação que implica sintonia, harmonia, interdependência e unidade de propósitos.

Atuação dos Líderes

A partir desta análise pretendemos aqui demonstrar a atuação dos líderes atuais das associações. É um tempo especial, em que a identidade situacional de alguns deles foi se desenvolvendo, como é o caso do entrevistado a seguir:

“Porque eu até vou citar o nome do Dionísio, ele era do Conselho Estadual. Ele conhece a história da Comunidade Paiol de Telha há quinze anos e foi ele que sempre correu atrás, mas como ele é branco chegou um momento que ele cansou. Não é que ele cansou. Em todos os lugares que chegava ele ia falar em Comunidade Paiol de Telha aí ele mesmo ficou preocupado porque o pessoal falou como ele sendo branco, ele está correndo atrás do interesse dos negros? Ai ele veio e fez várias reuniões e disse que quem tinha que “botar a cara” seríamos nós. Foi aí que eu te disse de chamamento. Ele chamou e apontou para mim e me convidou a participar. Foi uma ultima tentativa dele. Isso foi em 2004. E eu ainda não queria ir, de jeito nenhum . Fizemos uma reunião ali na casa do seu Domingos, eu não queria de jeito nenhum. Daí ele falou: eu não posso ir lutar mais por vocês, porque vocês é que tem que mostrar a cara de vocês. Como irei eu, sendo branco? Eu fui e desde o dia 5 /12/2004. Eu comecei a participar , foi em Brasília a primeira vez. Lula convidou os quilombolas. Nós fomos em Brasília num grupo de vinte e sete, aí é que eu fui descobrir, que eu não estava fazendo nada pelo meu povo, que eu estava esperando certo? (ENTREVISTADO 2).

Ao referir-se ao “chamamento” o entrevistado nos indica que a comunidade mantém relações externas com diversos segmentos, sejam eles governamentais (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Grupo Clovis Moura)⁹, políticos,

⁹ A CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), foi criada em maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/ Bahia, após a realização do I Encontro Nacional de Quilombos. É uma organização de âmbito nacional que representa os quilombos do Brasil. Dela

movimentos sociais e outros quilombos. A Comissão Pastoral da Terra de Guarapuava, liderada por Dionísio Vandresen, há anos acompanha a caminhada dos herdeiros residentes no Assentamento Socorro.

Os membros da Associação Heleodoro II, acreditam na capacidade de sobreviver respeitando os valores ancestrais repassados pelos mais velhos. Acampados à margem da estrada, elegeram um líder, o que é fator determinante para uma nova relação da militância dos envolvidos. Foi fundamental o reconhecimento por parte dos sujeitos do processo como mecanismo de integração e ascensão social a fim de se empenharem em reivindicar suas terras.

Ao compreender a necessidade de mudança, na entrevista pudemos perceber a preocupação dos herdeiros de indicar alguém para representá-los. De acordo com depoimento:

A gente conversa e chega à conclusão que debateu-se a idéia que eu seria a pessoa mais indicada naquele momento e o seu Domingos seria a pessoa a quem nós pediríamos a opinião e nós repassaríamos às pessoas. E hoje que estamos fazendo isso: ele repassa o que sabe e nós interpretamos junto aos demais e chegamos a uma conclusão sobre o que deve ser feito (entrevistado 1).

O líder assume funções sociais nesse grupo, e conta com o apoio de organizações competentes como confirma o entrevistado. "Nós temos conhecimento com lideranças políticas, prefeitura, o próprio INCRA, hoje os antropólogos mais o grupo da Procuradoria da República estão nos apoiando e nós estamos reivindicando a terra" (ENTREVISTADO 1).

A princípio, pode-se observar que a formação política é um elemento fundamental para um grupo social. Esta é uma forma de fortalecer e resignificar a liderança estimulando e colaborando para as pessoas se motivarem a participar das atividades de interesse da comunidade.

participam representantes de comunidades de quilombos de 18 estados da federação, de entidades do Movimento Negro e entidades ligadas à questão rural, que apóiam a luta dos quilombos. (<http://www.planalto.gov.br>)28/09

A SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, foi criada em 21 de março de 2003. Este organismo tem por competência o assessoramento a Presidência da República, com status de ministério. O compromisso efetivo da SEPPIR é a construção de uma política de governo voltada aos interesses reais da população negra e de outros segmentos étnicos discriminados na sociedade brasileira (<http://www.planalto.gov.br>) 28/09.

Reivindicações da Comunidade

As lideranças do quilombo Paiol de Telha têm muitas reivindicações a fazer junto aos órgãos governamentais, tanto no âmbito Estadual quanto Federal. Percebemos que estão conscientes de suas reivindicações, deixam explícitas suas necessidades, anseios, e direitos. Conforme depoimento:

A principal reivindicação do grupo é a questão fundiária, não tem outra que não seja essa é a luta pela terra. Mesmo porque eu acho que não existe outra reivindicação além da terra. Inclusive o pessoal está dividido e muitas vezes não é tanto tipo assim é uma luta minha, entende por que eu fiquei praticamente seis anos omissa. Não me envolvi com a questão deles deixei certo, mas quando eu tive um chamamento para lutar, entende? Aí foi a hora que eu achei que deveria entender e mergulhar de cabeça sabe por quê? É uma questão de honra, em memória dos meus antepassados, dos meus ancestrais e desse povo que está sofrendo, entende? De tudo. Desde a humilhação pela cor, então é uma questão de honra mesmo. Agora eu vou lutar até o fim. Com o que for preciso, fazer para esse povo. Daí eu vou atrás (entrevistado 2).

Confrontados com a realidade, adulto, jovem, adolescente e criança da comunidade, têm como perspectiva a relação entre passado, presente e futuro. Todos visam corrigir os efeitos da discriminação praticados no passado. Eles almejam por fim à concretização do ideal de igualdade e a construção de uma sociedade mais democrática para as gerações quilombolas do presente e as futuras. Por isso está no horizonte do grupo qualquer remoção de barreiras interpostas ao grupo, sejam elas explícitas ou implícitas e a prevenção da ocorrência da discriminação.

Se tentar conquistar o direito pelas terras tem sido uma árdua luta empreendida pelos descendentes que residem às margens de uma estrada, mais difícil ainda é manterem-se unidos de maneira que, nas diferentes associações mantenha-se o desejo comum de acesso e titulação das terras.

Testemunhamos parte das dificuldades que os habitantes do grupo enfrentam todos os dias. Visto que não possuem saneamento básico de qualquer espécie, a dificuldade de comunicação com os demais segmentos sociais, o funcionamento de miniposto de saúde é deficitário. O próprio transporte escolar há até pouco tempo, foi insuficiente para transportar a quantidade de pessoas que freqüentam a escola, como fala:

Quando nos estamos em cima do barranco nós estamos reivindicando comida, remédio, educação. Hoje mesmo, por exemplo, tem quase trinta alunos que embarcam aí. No começo vinha um ônibus pequeno, não cabiam todos os alunos. Iam uns, ficavam outros. Hoje, passam dois

ônibus grandes, levam todos os alunos. São coisas que a gente vem reivindicando para repassar melhorias ao grupo (entrevistado 1).

Organizados em associações, com o apoio dos envolvidos na causa da comunidade, reivindicam meios que lhes possibilitem melhores condições de saúde, estrutura e melhoria de sobrevivência. Também anseiam pela transmissão e valorização da história do grupo, da cultura e das experiências cotidianas dos quilombolas.

Comunidade Paiol de Telha e Tradição

Esta categoria surgiu devido às observações realizadas na comunidade Socorro e do acampamento situado no município de Reserva do Iguaçu e registradas no diário de campo. O Paiol de Telha se constituiu num dos mais importantes símbolos de resistência negra no Estado do Paraná.

Atualmente os membros do grupo promovem atividades que permitem o resgate das tradições culturais, o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo e o reconhecimento frente à sociedade como comunidade negra se adaptada aos novos tempos, que considera a tradição.

A tradição africana, atualizada pelos afro-descendentes é autêntica na medida em que fiel à sua cultura, original na medida em que advém da experiência (ética) coletiva dos africanos... A legitimidade da tradição africana, exatamente, por ela não ser uma memória fossilizada no passado, mas uma experiência atualizada no calor das lutas dos afro-descendentes (OLIVEIRA, 2003, p.118).

Observamos que a comunidade vivencia a experiência da cultura de origem africana através do grupo de dança afro formado por jovens do Paiol. Fazem apresentações em vários eventos e tentam aprender novas técnicas para aprimorar o que já sabem.

Quanto à tradição familiar dos remanescentes, é comum o consenso entre o casal. Há divisão de papéis e partilha de tarefas, mesmo nos casos de precária situação material. A estima, o respeito e a solidariedade são características que se encontram nessas famílias de tradição africana.

As mulheres em muitos casos trabalham para ajudar na sobrevivência de sua família, são membros destacados na comunidade. Mas tais condições não permitem que as mulheres desse grupo sejam compreendidas como sinônimos de fragilidade social. Elas possuem grande habilidade de agir e pôr em prática uma rede de

solidariedade junto à comunidade e age em grupos quando têm seus interesses contrariados.

Concluindo, percebemos que as famílias afro-brasileiras de tradição africana se metamorfosearam de acordo com as múltiplas conjunturas acontecidas no decorrer da história dos afro-descendentes brasileiros.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo mostrou-nos que a organização dos membros do Paiol de Telha explicita as contradições da sociedade brasileira atual, devido às condições precárias que vivem.

É um grupo que vive marginalizado e, de certa forma, excluído de seus direitos e busca a superação das contradições sociais na ação coletiva. Alguns depoimentos deixam à mostra que a construção de um grupo se dá a partir de uma identidade social que os sujeitos desse grupo têm, os mesmos anseios e interesses comuns para que possam identificar-se como iguais.

A pesquisa mostrou que os membros da comunidade foram obrigados a se ajustar às novas realidades, vivendo em espaços não pertencentes às terras do quilombo, por questões de sobrevivência. Hoje, organizados em associações, os membros buscam enraizamento social e espaço territorial do grupo. É nesse sentido que se pode afirmar que as terras do Paiol de Telha são fundamentais para a sobrevivência física e cultural dos descendentes.

As observações, os momentos vivenciados com os entrevistados, as leituras e a análises das entrevistas, possibilitaram perceber mudanças na organização do grupo. Verificamos inserção dos sujeitos que conhecem e vivem a história do quilombo, mas que se sentiam inseguros em participar das associações e das reivindicações do grupo. Essas interpretações vieram ao encontro de idéias defendidas pelos movimentos sociais, pois se acredita que o êxito das reivindicações exige que um conjunto de moradores se envolva nas ações, compondo uma organização comunitária orgânica, na qual as lideranças (política e tradicional) se reconheçam, dialoguem e consigam, unidos viver o momento histórico no qual ser quilombola é uma realidade, movimento que abriga paradoxos: inventar-se quilombola e constituir-se coletividade como sujeito de direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Terezinha Gruber de, Gracita Gruber Marcondes. **Escravidão e Trabalho**. Fundação Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, 1991.

BONI, Margarete Alves de [e] Rosa Krausz. **O empreendedor e seu papel social**. -Curitiba: SENAR-PR, 2003.

BRAGA, Maria Lúcia de Santana, Edileuza Penha de Souza, Ana Flávia Magalhães Pinto (organizadoras). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de EDUCAÇÃO CONTINUADA, Alfabetização e Diversidade, 2006.

CARVALHO, Horácio Martins de. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CASHMORE, Ellis; com Micael Banton... [ET al.]; [tradução: Dinah Kleve]. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

DAYRELL, Juarez. Juventude e escola. In: SPÓSITO, Marília (Coord.) **Juventude e escolarização** (1984-1998). Brasília: Inep. 2002(Estado do conhecimento, 7).

DESLANDES, Sueli Ferreira, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo: (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTILI, Pablo & Gaudêncio Frigotto (orgs.). **A Cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, MENGA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**; tradução de Maria do Carmo Alves do Bom fim- Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Relatório do GT MOURA Clovis, Grupo de trabalho. Curitiba, 12 de maio de 2006.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afro-descendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

RODRIGUES, Milton Muller. **Prática de ensino em geografia: estágio supervisionado no ensino fundamental e médio**, Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa e ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

Anexo I

Formulário de entrevista

A. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Associação: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Função: _____

Formação: _____

B. ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Quais as principais reivindicações do grupo?
2. Quem incentivou a comunidade na formação de liderança?
3. Como a comunidade participa no processo de reivindicação?
4. Quais foram os primeiros líderes?
5. Como você se tornou líder nessa comunidade?
6. Como as lideranças interagem com a comunidade?
7. Como são definidas e executadas as ações do grupo?
8. Há uma preocupação com a formação de novos líderes? Como é o processo?

Anexo II

Termo de consentimento livre e esclarecido

Nome da pesquisa

Pesquisador:

Endereço: (pessoal e institucional))

Este estudo tem objetivos de:

- a) Identificar o contexto histórico do surgimento de “novos sujeitos sociais” a partir dos processos de reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo;
- b) Conhecer a forma como os moradores da Invernada do Paiol de Telha se organizaram/organizam no processo de luta pela terra;
- c) Compreender a forma de constituição de lideranças no processo de luta pela terra e as relações que estabelecem com a comunidade.

O problema de pesquisa é:

Como os remanescente de quilombo da Invernada do Paiol de Telha-Paraná se organizaram/organizam para reivindicar a posse e titulação de suas terras?

Para tanto será necessário realizar os seguintes procedimentos:

- a) Realização de entrevistas com lideranças das associações de moradores da Invernada do Paiol de Telha;
- b) Análise de documentos produzidos pela associação ou documentos que tenham relação com o processo de reivindicação do grupo em estudo;
- c) Observações e descrições de reuniões e encontros dos grupos que compõem as associações de moradores da Invernada do Paiol de Telha;

Benefício:

Conhecer a história e memória sobre as formas como se constituíram/constituem lideranças

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter o direito de:

- a) Receber resposta e esclarecimentos sobre os procedimentos, finalidade, benefícios e outras informações relacionados a pesquisa;
- b) Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
- c) procurar esclarecimento junto a pesquisadora ou instituição na qual esta realiza o estudo (Faculdade de educação, Universidade Federal do Paraná).

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar da pesquisa, autorizando a coordenadora do estudo a publicar o que foi por mim relatado.

Data; ____/____/____ Nome _____ do _____ Sujeito _____ da pesquisa: _____

Assinatura _____

Eu, **Sirley de Paula** declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao participante.

Obrigada por sua contribuição com a pesquisa!

Sirley de Paula-Pesquisadora